A espiritualidade da tecnologia e “educação do olhar”: reflexões sobre experiência mística no ciberespaço[[1]](#footnote-1)

Pâmella Cristina Albuquerque de Oliveira[[2]](#footnote-2)

Resumo

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

**Palavras-chave:**

**Introdução**

“A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual ‘nada é excluído’, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com sua própria essência, que é a aspiração à liberdade.” (Pierre Lévy)

1. O retorno à religião como fenômeno sociológico

O advento da modernidade inaugurou um período fortemente marcado pela crença na racionalidade humana, na ciência e no progresso. Na época moderna ecoou o grito da supremacia do sujeito, dizendo que o homem já não estaria destinado a apenas contemplar a natureza e seus segredos, mas sim a dominá-la e a colocá-la a seu serviço. Nesse pensamento, não haveria espaço para “superstições religiosas” e “experimentações místicas”. Tais formulações intelectuais potencializaram a sugestão da crise do sagrado e a extinção de sua presença na sociedade ocidental moderna.

Entretanto, a perspectiva aberta pela pós-modernidade ao pensamento atual sugere que a postura “ateísta” do homem moderno, além de ser uma conclusão teórica baseada nos componentes estruturais de um “estilo de civilização” e uma postura historicamente caracterizada em face da “realidade”, é também uma “atitude espiritual” espontânea. Sob essa luz, consideramos que as decisões profundas sobre os componentes capazes de fundamentar a maneira de ser e estar no mundo, de como olhar o mundo e como agir, depende do elemento essencial integrante da humanidade, a liberdade. Essa, por definição, está além das motivações extrínsecas, condições e situações da época ou de uma tradição. Por isso que subsistem movimentos libertários, contra-tradições, contra-culturas, que não são resquícios de tradições arcaicas e sim, realidades e mundos humanos vivos. Mundos onde florescem, também, vigorosas formas de vida espiritual.

Portanto, subjacentes às formulações teóricas que determinaram o eclipse do sagrado ou a morte de Deus no mundo dos homens, encontramos as escolhas existenciais profundas de cada um, que por sua vez, também traduzem as múltiplas influências provindas de crenças e de princípios culturais, onde a existência humana lança as suas raízes e extrai o significado para a vida.

Sendo assim, são pertinentes as colocações de Franco Ferrarotti ao considerar que a suposta crise do sagrado é equivocada, contrapondo as teorias sobre a secularização. Para o pensador o ambiente moderno não foi berço da secularização, e sim, forneceu as condições necessárias para que hoje assistíssemos uma “florescente e crescente produção social do sagrado” (Ferrarotti, 1983, p. 22). O sagrado permaneceu presente e, graças a sua natureza ambígua, manifestou também, mesmo que paradoxalmente, no interior da sociedade moderna e ainda hoje vem se revelando nas mais diversas formas e expressões.

O famoso alarme em torno de um suposto declínio do sagrado na civilização industrial se revelou tanto sugestivo quanto infundado. O Sagrado não retorna pela simples razão que nunca esteve em declínio. [tradução nossa] (Ferrarotti,1983, p.47).

Para o sociólogo italiano, esse alarme de crise do sagrado se deu como uma reação a insurgência de novas e particulares formas de religiosidade – cujas vivências revelam uma espiritualidade pessoal, comunitária e não institucionalizada – frente ao declínio da religião cujas vivências são burocratizadas e apoiadas em estruturas de poder. Ou seja, para o sociólogo, as religiões tradicionais e burocratizadas limitavam o sagrado, o transformando em algo jurídico. A religião institucionalizada é a expressão da administração do sagrado, uma domesticação do selvagem, nos termos de Roger Bastide (2006), e como pontua Ferrarotti, o campo religioso e o campo do sagrado não necessariamente são coincidentes. O paradoxo é que o sagrado não entrou em crise, a religião bloqueia a experiência pura do sagrado. Com a crise das grandes verdades instituídas e no ensejo dos ventos pós-modernos, o sagrado perdeu as amarras com os modelos institucionalizados e com as grandes religiões monoteístas.

De tal sorte, parece que vem ocorrendo uma multiplicação do sagrado, uma abertura para as experiências plurais de mística em sintonia com o tempo pós-moderno, época fortemente marcada pela nova realidade das tecnologias comunicativas, sobretudo na potencialidade do papel ativo dessas tecnologias nas transformações de diversos setores da sociedade. Por tais razões, para se pensar na evolução das novas vivências religiosas, deve ser levada em conta a evolução da mídia e a mediação das religiões, por suas formas evoluídas e adaptadas de espiritualidades, com novas motivações e anseios, que são culturalmente e socialmente ligados à religião.

2. A mediação comunicacional da experiência mística

Por experiência mística, Faustino Teixeira (2009) considera ser o encontro do sujeito com o “totalmente Outro”, que pode ser entendido também como o “Mistério maior”. Pontua que a “experiência mística envolve sempre a dinâmica de uma relação” e enfatiza que a atualidade carece de um resgate “mais ‘terrenal’ da mística, que envolva uma percepção acurada do cotidiano, de modo a desentranhar a dimensão do mistério que habita o ser humano e em toda a criação”. Para o teólogo, a experiência mística não está fora do tempo atual do indivíduo, não é algo desencarnado e aquém dos sentimentos e das vivências no mundo, a mística é experienciada na natureza humana e está circunscrita na realidade cotidiana, reconhecendo a transcendência que imana de todas as coisas. Assim, o “místico legítimo é aquele que vive a realidade do seu tempo”, manifestando um intenso “amor pelo Todo” (Teixeira, 2009, p. xx-xx).

Segundo Panikkar (2007), os constituintes da experiência mística podem ser compreendidos em quatro momentos distintos, mas indivisíveis: a “experiência pura”, que é o instante imediato da irrupção do sagrado no mundo, sua manifestação divino no ambiente humano, por meio das coisas do mundo, ou seja, a hierofania, como desc

Referências

AGUIAR, C. E.

CRESPI, Franco. A experiência religiosa na pós-modernidade. Bauru: EDUSC, 1997.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: M. Fontes, 2008.

FERRAROTI, Franco. Il paradosso del sacro. Rome: Laterza, 1983.

FLUSSER, Vilém. Da reigiosidade: a literatura e o sendo de realidade. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

KLEIN, Alberto. Imagens de culto e imagens de mídia: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. São Paulo: Sulina, 2008.

LÈVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIKLOS, Jorge. Ciber- Religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo: Editora Ideias&Letras, 2012

PANIKKAR, Raimon. Ícones do mistério: a experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007.

PONTIFICIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES – IGREJA E INTERNET. Disponível em: <HTTP://www.vatica.va>. Acessado em jan. 2012.

PUNTEL, Joana. Comunicação: diálogos dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.

RUDGER, Francisco. Introdução às teorias de cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003

SPADARO, Antonio. Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O meio divino. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

TEIXEIRA, Faustino. (Org). Caminhos da Mística. São Paulo: Paulinas, 2012

TEIXEIRA, Faustino. O sentido místico da consciência planetária, In: (Org.) OLIVEIRA & SOUZA. Consciência Planetária e Religião. São Paulo: Paulinas, 2009, pp. 211-232

1. Artigo apresentado no Eixo 8 – Imaginário Tecnológico e Subjetividades do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013. [↑](#footnote-ref-1)
2. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. [↑](#footnote-ref-2)